

**X Encontro de Pós-graduação
em História Econômica**

Virtual

**8ª Conferência Internacional
de História Econômica**

9, 10, 11 e 12 de novembro

2020

**A TRAJETÓRIA DOS CHICAGO BOYS NO INTERIOR
DO ESTADO CHILENO: ECONOMISTAS,
INSTITUIÇÕES E CONFLITOS**

Marcos Taroco Resende

**X Encontro de Pós-Graduação em História Econômica & 8ª Conferência
Internacional de História Econômica**

**A TRAJETÓRIA DOS *CHICAGO BOYS* NO INTERIOR DO ESTADO
CHILENO: ECONOMISTAS, INSTITUIÇÕES E CONFLITOS.**

Marcos Taroco Resende¹

RESUMO: Ao estudar a aplicação das políticas econômicas liberais na América Latina é comum a literatura enfatizar o pioneirismo e a radicalidade da experiência monetarista chilena. Este tipo de literatura geralmente realiza análise *stricto sensu* das políticas econômicas, seus instrumentos e resultados *ex-post*. Entretanto, há relativamente poucos trabalhos examinam a questão a luz do papel dos economistas e suas disputas. Visando contribuir para esta lacuna, o objetivo do trabalho é analisar o caso chileno a partir desta ótica interpretativa. Os resultados apontam que as equipes econômicas da ditadura não eram monolíticas e que os *Chicago boys* realizaram uma série de movimentações políticas e institucionais no interior do Estado que envolveu alianças e persuasões para obter a hegemonia na elaboração e implementação das políticas econômicas.

Palavras-chave: *Chicago boys*; economistas; chile; tecnocracia; instituições.

**THE JOURNEY OF CHICAGO BOYS WITHIN CHILEAN STATE (1973-1982):
ECONOMISTS, INSTITUTIONS AND CONFLICTS.**

ABSTRACT: When studying the application of liberal economic policies in Latin America, it is common for literature to emphasize the pioneering and radical nature of the Chilean monetarist experience. This type of literature generally carries out a strict analysis of economic policies, their instruments and ex-post results. However, there are relatively few papers examining the issue in light of the role of economists and their disputes. Aiming to contribute to this gap, the objective of the work is to analyze the Chilean case from this interpretive perspective. The results show that the economic teams of the dictatorship were not monolithic and that the Chicago boys carried out a series of political and institutional movements within the state that involved alliances and persuasions to obtain hegemony in the elaboration and implementation of economic policies.

Key-words: Chicago boys; economists; Chile; technocracy; institutions.

1. Introdução

Há uma extensa literatura sobre as políticas econômicas da ditadura chilena (1973-1990). Porém, em sua maior parte busca realizar um balanço sobre as políticas implementadas, seus instrumentos técnicos e os resultados econômicos e sociais (Foxley;

¹Doutorando em Economia no Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional da Universidade Federal de Minas Gerais (CEDEPLAR/UFMG). Mestre em Economia pelo Programa de Pós-Graduação em Economia da Universidade Federal de Alfenas (PPGEconomia/UNIFAL-MG).

X Encontro de Pós-Graduação em História Econômica & 8ª Conferência Internacional de História Econômica

1982,1981; Ffrench-Davis, 2003; Ramos, 1989). Essas análises geralmente estudam a política econômica *stricto sensu*, harmonizando uma interpretação que de um lado de que houve a aplicação rígida do monetarismo no Chile no tratamento da inflação e nas reformas estruturais. Há relativamente poucos trabalhos que integram a análise das políticas econômicas a alguns aspectos relacionados ao papel dos economistas como tecnocracia e suas disputas, portanto tratando a equipe econômica como não monolítica, e os condicionantes políticos para a formulação e o direcionamento das políticas econômicas. Alguns deles são Alduante (1988), Vergara (1994), Valdés (1995), Huneus (1998), e Chateau (2012).

Em termos teóricos, o trabalho de Maria Rita Loureiro (1997) recupera a noção de que a ciência é um campo social dotado de relações de forças, concorrência, monopólios, estratégias e lutas em geral. O estudo deste objeto implica estudar o meio social onde circulam os economistas, de seus grupos, instituições (universidades e centros de pesquisa) e suas disputas como tecnocratas no governo (Loureiro, 1997). Quando observamos a formação do economista na América Latina, a literatura tem observado que em meio a Guerra fria, os Estados Unidos mobilizou uma série de programas e convênios que visavam a “modernização” do ensino e da pesquisa na ciência econômica nos países latino-americanos, mediante o fortalecimento dos programas de pós-graduação locais através dos padrões acadêmicos e científicos da academia norte-americana (Loureiro, 1997; Valdés, 1995; Heredia, 2008; Suprinyak; Fernández, 2015).

Esse processo ocorreu sob muitas “iniciativas” que se articularam com as especificidades nacionais, caracterizando uma face própria e heterogênea na realidade econômica e social de cada país. De acordo com Montecinos, Markoff e Álvarez Rivadulla (2009): “Desafios políticos normalmente inspiraram respostas pragmáticas a ideias que são modificadas de acordo com configurações institucionais e compromissos ideológicos” (Montecinos, Markoff e Álvarez Rivadulla, 2009, p.4-5, tradução nossa) que isso influi, por exemplo, nos resultados dos programas de ajuste estrutural em diferentes países. Esta ligação e a expressão na política econômica é o foco do artigo. As políticas econômicas por um economista, que atua como dirigente político dentro do processo decisório, envolvimento de ambientes institucionais, políticos e sociais.

Dado isso, o objetivo do artigo é analisar a elaboração, a implementação e os resultados das políticas econômicas do regime militar chileno, articulando-as com a participação, atuação e disputas internas dos economistas no processo decisório. A valoração dessas dimensões não usuais na literatura pode contribuir para o entendimento

X Encontro de Pós-Graduação em História Econômica & 8ª Conferência Internacional de História Econômica

de que por trás de uma imagem radical *ex-post*, no processo houve severas disputas internas e um caminho trilhado pelos Chicago boys, que mais que como economistas, exerciam movimentações políticas e institucionais. O trabalho está na intersecção entre a História Econômica e História do Pensamento Econômico. A metodologia empregada é essencialmente qualitativa e comparativa, com base nas pesquisas bibliográfica e documental. A documentação primária se baseou em entrevistas, artigos em jornais do período, biografias e testemunhos, não só de Martínez de Hoz e dos *Chicago boys*, mas também de membros das equipes econômicas que participaram do governo ou outros economistas e profissionais que com eles estabeleceram contatos.

Além de uma introdução e de uma conclusão, o artigo é composto de três seções. A primeira delas trata sobre a relação entre diferentes frações de militares e os projetos econômicos dos economistas no Chile. Em seguida, a seção 3 explora efetivamente os conflitos entre os diferentes projetos de política econômica no interior do processo decisório. Por fim, a seção 4 investiga as trajetórias biográficas, profissionais e institucionais dos principais economistas envolvidos nas disputas, buscando verificar como esses condicionantes contribuíram para os respectivos posicionamentos.

2. As frações militares e a tecnocracia no nas ditaduras do Chile e da Argentina

Como nosso objeto está inserido em contexto de regimes autoritários, iniciamos o estudo pelas diferentes frações militares, e suas relações com os tecnocratas no governo. Após a derrubada do governo da Unidade Popular (1970-1973), formou-se uma Junta militar de quatro membros: Augusto Pinochet do Exército, o Almirante José Torbiero Merino representando a Marinha, o Comandante da Força Aérea General Gustavo Leigh, e Cesar Mendonza dos *Carabineros*. Entretanto, o poder foi personificado crescentemente em Pinochet (Angell, 2002). Após o golpe de 1973 não havia consenso a respeito do projeto econômico do regime.

Gustavo Leigh foi quem mais enfaticamente se colocou como um opositor ao avanço das políticas econômicas monetaristas e do personalismo de Pinochet. Em entrevista ao livro *Confesiones* de Sérgio Marras, Gustavo Leigh confirma os relatos da literatura: “Eu combati os *Chicago boys*, discuti com muitos deles, porque não aceitava este sistema de ação puramente econômica em que se desconheciam os problemas sociais” (Marras, 1988, p.134). Além de Leigh, havia o *Comité Asesor de la Junta* (COAJ), uma instituição puramente militar, onde os militares expressavam suas posições

X Encontro de Pós-Graduação em História Econômica & 8ª Conferência Internacional de História Econômica

diretamente a Pinochet. Leigh tentou expandir sua influência no governo. Foi ele quem indicou para Ministro da Coordenação Econômica, o engenheiro Raúl Sáez (um engenheiro com grande experiência na poderosa agência responsável pelas empresas estatais, *Corporación de Fomento a la Producción* - CORFO), que foi o principal representante do enfoque gradualista na primeira fase (1973-1975) contra as propostas de “tratamento de choque” dos *Chicago boys*. Por isso mesmo, a posição de Sáez atraía os oficiais do COAJ (Aldunate, 1988; Queiroz; Queiroz, 2017). Além disso, no Ministério do Trabalho, Leigh indicou o General Nicanor Díaz, que elaborou alguns projetos díspares das propostas dos *Chicago boys* como o “estatuto social da empresa”, o “novo Código do Trabalho”, e uma reforma da previdência que mantinha o sistema de repartição (Pollack, 1999).

Se entre 1973 e 1975 os *Chicago boys* não participaram nos principais cargos decisórios na economia, a partir de 1975 tem-se uma inflexão, quando da aprovação do *Programa de Recuparación Económica* de Jorge Cauas, apoiado pelos *Chicago boys*. Quem decidiu em favor do tratamento de choque em detrimento do gradualismo foi Pinochet, enfraquecendo os aliados de Leigh, como Raúl Sáez e o General Nicanor Díaz, concedendo mais poder aos *Chicago boys* e seu acesso aos cargos mais poderosos. A importância do apoio de Pinochet para a implantação do modelo econômico liberal é reconhecida por inúmeros protagonistas do período. Por exemplo, por Sérgio de Castro no prólogo *El Ladrillo* em 1992 (Castro, 1992). E também por Hernán Büchi, engenheiro civil com pós-graduação em economia na Universidade de Columbia (foi aluno de Jorge Cauas), sendo outro poderoso Ministro da Fazenda do regime militar entre 1985-1989, que exalta a postura do Presidente que arbitrou em favor das políticas dos *Chicago boys*, face aos conflitos existentes: “[...] atrás de cada decisão existia uma boa dose de debates, estudos, conflitos, pressões, consensos e disputas. A tarefa governativa é assim, mesmo em um regime autoritário” (Büchi, 1993, p.21-22, tradução nossa).

Apesar do papel de Pinochet em abrir espaços para os *Chicago boys* na elaboração e implementação da política econômica, não se deve interpretar erroneamente como autonomia ilimitada. Na crise no fim do período de análise do trabalho, em 1981 e 1982, Pinochet não admitiu a manutenção do câmbio fixo devido aos custos sociais sobre uma diminuição dos salários, como demandava parte dos *Chicago boys*.

3. As equipes econômicas e a equipe dos *Chicago boys*

X Encontro de Pós-Graduação em História Econômica & 8ª Conferência Internacional de História Econômica

Embora haja consenso na literatura que até 1982, no contexto repressivo, as políticas econômicas monetaristas dos “*Chicago boys*” puderam avançar independentemente de seus custos sociais (Cano, 2000; Ffrench-Davis, 2003), como bem salienta alguns trabalhos, entre 1973 e abril de 1975 há uma primeira fase, na qual foi aplicado um programa econômico eclético de maneira geral gradualista (Pollack, 1999) e na qual os *Chicago boys* participaram de uma “coalizão de economistas” (Valdés, 1995). Esta fase é importante porque nela encontramos o processo de formação da equipe econômica, que aglutina várias tendências representadas por uma série de protagonistas e isto dá substância ao nosso argumento em observar o campo dos economistas e o processo decisório interno a partir de conflitos.

Inicialmente o Contra-Almirante Lorenzo Gotuzzo (que convidou membros do PDC) assumiu o Ministério da Fazenda, o General Rolando González se encarregou do Ministério da Economia e o General Eduardo Cano, a presidência do Banco Central. Mas conforme Chateau (2012) nenhum desses militares tinham experiência e competência técnica para tais cargos. O General Gustavo Leigh convidou Raúl Sáez, um engenheiro civil, para ser conselheiro econômico geral do governo, se tornando o Ministro da Coordenação Econômica e Desenvolvimento em 1974, com a função de harmonizar as políticas econômicas dos distintos ministérios (Queiroz; Queiroz, 2017). Sáez indicou Fernando Léniz, um dos maiores executivos do jornal *El Mercurio*, para o Ministério da Economia, que aceitou o cargo oferecido. Também em 1974, substituiu-se o Almirante Lorenzo Gotuzzo por Jorge Cauas no Ministério da Fazenda. Esses três técnicos, Sáez, Léniz e Cauas foram os principais protagonistas na área econômica nesta primeira fase.

Mesmo inseridos em cargos de menor escalão no início do governo, nesta primeira fase, os *Chicago boys* lograram exercer alianças e influência sobre outros grupos civis. Uma importante aliança, que será explorada mais adiante, foi a realizada com os *gremialistas*, um movimento político conservador liderado pelo professor e advogado Jaime Guzmán, apoiada em uma ideologia corporativista, idealizada a partir do *franquismo* na Espanha (Montecinos, 2009), para formar a tendência autoritária dentro do governo, principalmente na (*Oficina de Plannificación Nacional*) ODEPLAN (Huneus, 2001). Pela análise documental, verificamos que os *Chicago boys* conseguiram exercer influência sobre outros membros da equipe econômica como no Ministro da Fazenda Lorenzo Gotuzzo, o Ministro da Economia Fernando Léniz e decisivamente em Jorge Cauas. As declarações desses membros tinham importantes paralelos com o *El Ladrillo* e discursos dos *Chicago boys*.

X Encontro de Pós-Graduação em História Econômica & 8ª Conferência Internacional de História Econômica

O Ministro da Fazenda, Contra-Almirante Gotuzzo (1978a), ainda em 1973 expressou uma ruptura com o modelo de substituição de importações, bem como declarou que já estava em estudo a reforma previdenciária, bem como a reforma tarifária para dar fim ao protecionismo que desincentivava a agricultura e a mineração. E de fato, o ministro iniciou as reduções sobre tarifas de importação. De outro lado, Fernando Léniz em 1974 também expressava as críticas contidas no *El Ladrillo* sobre o processo de industrialização chilena (Léniz, 1978b), e ao lado de Lorenzo Gotuzzo, enfatizou a necessidade de uma política previdenciária (Léniz; Gottuzo, 1978) que já estavam presentes no *El Ladrillo* e que Sérgio de Castro retomaria em 1980. Fernando Léniz ainda proclamava o “[...] princípio de subsidiariedade do Estado, isto é que o Estado só atua quando os indivíduos não estão em condições de fazer” (Léniz, 1978a, p.129). Ademais, como é característico dos *Chicago boys*, Léniz utilizava o argumento da teoria econômica única, defendendo a aplicação de “princípios econômicos gerais, os mesmos que se aplicam em outros países do mundo e são válidos em qualquer parte” (Léniz; Castro, 1978, p.93, tradução nossa).

A literatura aponta também que havia uma contradição no seio da decisão governamental na área econômica entre Jorge Cauas, mais adepto às visões econômicas de matriz liberal pró-mercado, que formulou o *Programa de Recuperación Económica em 1975*, que tinha o apoio dos *Chicago boys*, e de outro lado Raúl Sáez, que representava uma voz explícita no governo da perspectiva gradualista (Aldunate, 1988; Pollack; 1999;; Chateau, 2012). Revelador da disputa entre Jorge Cauas (e os *Chicago boys*) e Raúl Sáez foi uma declaração recente de Sérgio de Castro:

O fato de que Sáez se manteve no cargo de Coordenador Econômico não ajudava [...] As diferenças da equipe econômica eram evidentes [...] De fato, começou a gestar-se um programa alternativo encabeçado por Raúl Sáez [...] Sáez se convertia em um *Superman*, com atribuições inclusive maiores que as da Junta. Mas o mais grave era [...] voltar atrás, fixar de novo os preços, a taxa de câmbio, etc... Foi aí então que nos colocamos firmes (Arancibia; Belart, 2007 *apud* Pérez de Arce, 2018, p.270-271, tradução nossa).

O testemunho de Sérgio de Castro explicita que não só importava as medidas econômicas *stricto sensu*, mas também um poder institucional e tecnocrático que ampliasse a capacidade de atuação sobre uma área maior da estrutura do Estado e da economia. O avanço de um projeto encabeçado por Cauas e Sérgio de Castro ocorreu mediante uma institucionalização ocorreu: a concentração do poder de tomada de

X Encontro de Pós-Graduação em História Econômica & 8ª Conferência Internacional de História Econômica

decisões no Ministério da Fazenda na figura de Jorge Cauas. No dia 12 de abril de 1975, pelo Decreto-Lei nº 966, o governo concentra o poder sobre todos os ministérios nas mãos de Jorge Cauas através da instituição de “Faculdades extraordinárias ao Ministro da Fazenda, destinadas a materializar de forma unitária a política econômica e financeira do governo [...]” (Méndez, 1978, p.163, tradução nossa). Este mesmo decreto retira poderes do Ministério da Coordenação Econômica e Desenvolvimento (cargo ocupado por Raúl Sáez), substituindo sua função de harmonizar as políticas de todos os ministérios e agências do governo (agora sob o poder do Ministro da Fazenda) por outra, de representação externa do governo, tornando-se Ministério da Coordenação Externa, no qual Sáez logo renunciaria.

No “*Programa de Recuperación Económica*”, anunciado em 24 de abril de 1975, Jorge Cauas muda a percepção anterior do enfoque gradualista devido aos custos sociais do desemprego de uma detenção brusca da inflação expressadas antes de 1975 – declaradas, por exemplo, em Cauas (1978c) - para um tratamento radical (Cauas, 1978a, p.173). Essa mudança de postura é instrumentalizada pelo Ofício circular nº 43 do dia 2 de maio de 1975, o qual contém instruções baixadas pelo ministro com a redução dos gastos correntes de capital do Estado (Cauas, 1978d, p.176). Essa confluência de discursos de Jorge Cauas com as propostas dos *Chicago boys* mostra a influência do grupo sobre o economista que *a priori* não estava alinhado Paralelamente a derrota de Raúl Sáez e dos gradualistas, houve uma derrota das propostas dos militares ao redor do Ministro do Trabalho e Previdência Social, Nicanor Díaz, General da Força Aérea, ao lado do comandante da força na Junta, Gustavo Leigh. Vale lembrar, que Leigh e Sáez eram próximos. Antes de adentrar à fase 1975-1982 cabe indicar duas articulações ou estratégias específicas dos *Chicago boys*, durante a primeira fase e durante 1975. A primeira é a “aliança” com os *gremialistas*, que foi de suma importância, para a expansão da zona de influência dos economistas no Estado. A segunda é o significado da visita de Milton Friedman em abril de 1975, criticando sumariamente as políticas gradualistas.

Apesar de um menor papel na fase inicial em termos de cargo, a ligação entre os *Chicago boys* no governo com os *gremialistas* foi importante para a conformação do modelo no Chile, fundamentalmente na *Oficina de Plannificación Nacional* (ODEPLAN) (Montecinos, 2009). Uma série de contatos e alianças interpessoais extrapolaram somente a lógica científica, recaindo no campo da política e da rede de contatos para atingir determinado objetivo. Nesta rede de contatos, temos o membro da Junta Militar, Almirante José Torbino Merino, que assumiu a Coordenação Econômica e

X Encontro de Pós-Graduação em História Econômica & 8ª Conferência Internacional de História Econômica

Desenvolvimento após a saída de Sáez, convidando Roberto Kelly para Diretor Geral da ODEPLAN. Especificamente, tem importância a entrada no órgão de Miguel Kast, formado na Universidade de Chicago e também *gremialista*, progressivamente colocou os economistas formados em Chicago nos cargos principais da administração pública (Pollack, 1990).

A ODEPLAN impôs sobre todas as arenas decisórias do governo procedimentos e métodos estritos, sob o argumento de que a racionalidade científica (Montecinos, 2009). O aumento do poder da ODEPLAN, diminuiu o poder de planejamento econômico e intervenção da CORFO, e a tarefa de estudos de políticas públicas entrava em conflito com o *Comité Asesor de la Junta de Gobierno* (COAJ) (Huneeus, 1998). A dimensão de conflitos entre instituições é aqui exacerbada. Não só no interior do governo, mas também em instituições de produção do conhecimento econômico. A ODEPLAN fomentou diversos convênios com a Pontifícia Universidade Católica do Chile (PUC), instituição onde a maior parte dos *Chicago boys* se graduou. Já com a Universidade do Chile – que possuía um maior prestígio acadêmico com destacados economistas, mas que eram críticos ao governo – não foi assinado nenhum convênio (Huneeus, 1998).

Além disso, em março de 1975 ocorreu um seminário de políticas econômicas realizado pela entidade privada *Fundación de Estudios Económicos*, entidade do Banco Hispanico do Chile (BHC), para o qual convidaram renomeados economistas monetaristas, como Milton Friedman, Arnold Harberger e Carlos Geraldo Langoni (Loureiro, 1997). Na conferência mais importante de Friedman no seminário - *Bases para un Desarrollo Económico* - expressou claramente sua repudia ao gradualismo: “[...] não creio que para Chile uma política de gradualismo tenha sentido. Temo que o ‘paciente’ morra antes que o ‘tratamento’ surta efeito. Creio que o Chile pode ganhar muito se examinar os exemplos relacionados com o ‘tratamento de *shock*’ para o problema da inflação e da desorganização” (Friedman 1975, p.25, tradução nossa). Além das declarações públicas, Milton Friedman enviou uma carta a Pinochet em 21 de maio de 1973, apoiando o tratamento de choque contra medidas gradualistas, e sugerindo diversas medidas de política econômica, conforme reproduzida por Piñera (2006). Sugerimos o seminário e a presença do Friedman serviriam para dar legitimidade em termos simbólicos para a alteração de uma política gradualista para a de tratamento de choque.

Na fase que se inicia com a implementação do programa monetarista de Jorge Cauas e dos *Chicago boys* e finda em 1982, os *Chicago boys* se efetivaram no poder, conseguindo imprimir políticas econômicas radicais: em geral pelas reformas estruturais

X Encontro de Pós-Graduação em História Econômica & 8ª Conferência Internacional de História Econômica

da economia e a adoção do enfoque monetário do balanço de pagamentos como estratégia anti-inflacionária. Duas figuras muito importantes foram o Ministro da Fazenda Sérgio de Castro, e José Piñera, quem ocupou cargos importantes no período, como o Ministério do Trabalho e da Previdência Social, e o Ministério da Mineração. Se por um lado os *Chicago boys* conseguiram estender sua influência a partir de 1975, isto foi acompanhado por percalços e disputas, inclusive internas ao grupo.

A realização das reformas de longo prazo na economia chilena, as quais eram expressas entusiasticamente em 1981 (Castro, 1981). Dentre as reformas estruturais as reformas realizadas por Piñera tinham grande destaque: a trabalhista e a previdenciária. A reforma da previdenciária é um dos símbolos da capacidade de realização de reformas radicais dos *Chicago boys* após 1975, e sugerimos, da própria capacidade dos *Chicago boys* se articularem no interior do Estado. Chamamos a atenção aqui para a atuação dos economistas para sua efetivação.

Para isso, concentramo-nos agora no debate em torno da administração privada dos fundos de pensões, com base na análise da ata secreta, de número 398-a, de uma reunião ocorrida em 14 de outubro de 1980, que foi recentemente desclassificada (Chile, 1980). Como é fato conhecido, a administração dos fundos ficou a cargo do setor privado, as chamadas *Administradoras de Fondo de Pensión* (AFP), ao modo como Piñera desejava. Procuramos argumentar que a reforma da previdência não foi aprovada sem nenhum tipo de oposição no interior da sua elaboração, que demandou convencimento e persuasão dos *Chicago boys* para a sua aprovação. Em ata desclassificada recentemente, é possível observar que Pinochet concordava uma reforma da previdência, mas desconfiava da do setor privado: “não estou de acordo no problema de que os capitais vão às mãos privadas [...] me choca estimar que os senhores empresários ainda não possuem capacidade para administrar 97 milhões de dólares mensais” (Chile, 1980, p.3, tradução nossa). Mas na condição de guardião do projeto de capitalização, o Ministro José Piñera intervém e contra-argumenta com 10 pontos em relação à preocupação “legítima” de Pinochet, enfatizando a necessidade de aprovação do projeto (Chile, 1980).

Passamos agora à da questão inflacionária e dos conflitos entre os economistas. Na segunda fase, 1975-1982, a aplicação radical após 1975, não foi instrumentalizada apenas pelo “tratamento de choque” em relação ao problema inflacionário. Dessa forma, tentou-se um enfoque diferente, anunciado por Jorge Cauas em 1976, para atuar sobre as expectativas dos agentes econômicos, com a estratégia de valorização cambial, isto é, o enfoque monetário do balanço de pagamentos. (Cauas, 1978b, p.262, tradução nossa).

X Encontro de Pós-Graduação em História Econômica & 8ª Conferência Internacional de História Econômica

Buchi (1993, p.170, tradução nossa) relata em seu testemunho que “[...] a crise introduziu uma séria fratura na consciência neoliberal das equipes de economistas [...]”. Os agrupamentos entre os economistas do debate em torno da desvalorização são realizados por Aldunate² (1988). Particularmente exemplar desse processo, tem-se a *Exposición de la Hacienda Pública* de 1981, na qual, o Ministro da Fazenda Sérgio de Castro esboça uma defesa ampla da política cambial. O ministro lança argumentos com roupagem técnica em consonância com o enfoque monetário do balanço de pagamentos De Castro (1981). É interessante notar a defesa da valorização cambial se opõe de maneira clara às diretrizes no *El Ladrillo* de desvalorização cambial, quando argumentou-se que os problemas históricos do setor externo eram resultados da política de valorização do câmbio real para favorecer a industrialização, que tendiam a gerar elevação da dívida externa e dependência externa do país (Castro, 1992).

Conforme enfatizam Aldunate (1988) e Büchi (1993), Sérgio de Castro explica a crise pela inflexibilidade da economia em se ajustar rapidamente, principalmente por causa da resistência dos salários a diminuírem. Portanto, o ajustamento da economia não deveria ser realizado via diminuição dos salários, e não como sugeria José Piñera e outros com a desvalorização cambial. Na conjuntura os limites da realidade e seus custos se impuseram para políticas econômicas tão radicais, e Pinochet decidiu que seriam excessivos, optando pela desvalorização cambial, fazendo com que nesse contexto Sérgio de Castro renunciasse.

4. As trajetórias biográficas, profissionais e institucionais dos economistas : aspectos condicionantes

Nesta seção relacionamos as posições e o modo de atuação dos economistas e profissionais ao universo institucional e pessoal que lhes são próprios, sugerindo que assim é possível elucidar alguns elementos que ajudam a explicar suas posições nas disputas e porque eram ou não eram compatíveis com a correlação de forças do regime. Dada a dificuldade de acesso às informações biográficas de todos os envolvidos, escolhemos apenas alguns representantes das posições em disputa, Raúl Sáez, Fernando Léniz e Sérgio de Castro. O primeiro como principal representante dos gradualistas, o

² Os que defendiam o câmbio fixo eram: Sérgio de Castro, Pablo Baraona, Alvaro Bardón, Sergio Undurraga, Sérgio de la Cuadra, Álvaro Donoso. De outro lado queriam a desvalorização José Piñera, Manuel Cruzat, Juan Braun e Emilio Sanfuentes, Andrés Sanfuentes, Jorge Cauas, Juan Villarzá e José Luis Zabala.

X Encontro de Pós-Graduação em História Econômica & 8ª Conferência Internacional de História Econômica

segundo que se aproximou dos *Chicago boys*, e o último um representante dos *Chicago boys*. É necessário pontuar que consideramos que a análise de Jorge Cauas seria a preferível por sua importância destacada ao longo do texto, mas dada a indisponibilidade de fontes e informações, o substituímos por Fernando Léniz.

Rául Sáez nasceu em 16 de fevereiro de 1913 e faleceu em 24 de novembro de 1992. Sua educação se iniciou no tradicional *Colégio Alemán* de Santiago e no *Liceo Janson* de Saily na França. De volta ao país, formou-se em Engenharia Civil na Universidade do Chile. O engenheiro participou do *Plan de Electrificación Nacional* e de várias empresas estatais como a *Empresa Nacional de Eletricidad* (ENDESA), fundada em 1944, tendo incentivado a criação da empresa para produção de açúcar *Indústria Azucarera Nacional* (IANSÁ) em 1953 e a *Empresa Nacional de Telecomunicaciones* (ENTEL) em 1964 (QUEIROZ; QUEIROZ, 2017). Na administração de Eduardo Frei Montalva (1964-1970) do Partido Demócrata Cristão, foi Ministro da Fazenda em 1968 (VALDÉS, 1995), tendo grande prestígio nos círculos internacionais e no próprio país, visto que foi um muito importante para lidar com as consequências de um terremoto muito forte no Chile em 1960 (QUEIROZ; QUEIROZ, 2017). No governo Pinochet assumiu a Coordenação Econômica e Desenvolvimento do governo e em abril de 1975 foi transferido para o cargo recém-criado de Coordenação Externa, no qual que se manteve até sua renúncia em novembro do mesmo ano (QUEIROZ; QUEIROZ, 2017).

Em junho de 1975 criticou a privatização da empresa têxtil PANAL, feita com sérios indícios de corrupção, sem nenhuma garantia para o Estado, o que levou a desautorização de Pinochet ao responsável pela privatização, o vice-presidente executivo da CORFO, Francisco Soza Cousiño. Em 1975 Francisco Soza efetuou a devolução de uma série de empresas estatizadas no governo Allende (CYPHER, 2007; HUNNEUS, 1998; ZARATE, 2001).

Interessa-nos aqui relacionar a carreira de Sáez durante o processo de substituição de importações, isto é, o ambiente institucional, educacional e dos órgãos do governo, respectivamente na Universidade do Chile e na CORFO. Explorar esses aspectos da biografia, a formação e a carreira profissional, pode nos oferece elementos interessantes para analisar as disputas que resultaram na saída de Rául Saéz da arena decisória do governo na economia. Apesar de sua formação em engenharia, o “pensamento econômico” de Rául Sáez era pragmático e não acreditava essencialmente na mão invisível smithiana para o desenvolvimento econômico, tendo sido influenciado intelectualmente por um dos “pioneiros do desenvolvimento”, Paul Roseinstein-Rodan,

X Encontro de Pós-Graduação em História Econômica & 8ª Conferência Internacional de História Econômica

com quem Raúl Sáez cultivou amizade no Chile (QUEIROZ; QUEIROZ, 2017). Estes últimos autores argumentam que teoria do *Big Push* formulada por Roseinstein-Rodan, que se baseia em um grande elemento impulsionador geraria as condições para o desenvolvimento econômico, condicionou que Sáez pensasse na eletricidade, representativo da trajetória profissional de Sáez, como este elemento. Os autores pontuam como características do pensamento de Sáez uma paixão pela técnica e a ciência a serviço do desenvolvimento material da maior parte da população. Essas características teriam advindo em parte da Escola de Engenharia da Universidade do Chile.

Em relação a importância do ambiente institucional e profissional da trajetória de Raúl Sáez, destacamos que sua participação nas empresas da CORFO condicionava sua posição em relação a política econômica dos *Chicago boys*. Havia uma contradição básica entre a importância da CORFO para o desenvolvimento econômico e a concepção de Estado dos técnicos monetaristas, pois “[...] a política oficial era terminar com o Estado empresário que a CORFO havia ajudado a criar” (HUNEEUS, 1998, p.146, tradução nossa). Explorar essa contradição se faz necessário.

Começamos então, pela importância e as ligações de Raúl Sáez com a instituição. Sáez não era apenas um funcionário burocrata que trabalhou durante muitos anos na CORFO. Pelo contrário, era um homem importante que participou efetivamente da construção do Estado empresarial chileno. Como assinala Cypher (2007), Raúl Sáez “[...] foi um dos formuladores de política chave (se não o formulador chave) na principal instituição de desenvolvimento chilena [...] sendo associado com a ISI, com a CORFO e com a política de desenvolvimento encabeçada pelo Estado” (CYPHER, 2007, p.114, tradução nossa). O próprio Raúl Sáez expressou seu apreço pela instituição em várias oportunidades. Em entrevista em 1979, ao ser questionado, especificamente, sobre a comparação do papel e da filosofia original da CORFO com a os princípios econômicos do regime de Pinochet, Sáez critica o novo papel da CORFO. Segundo ele, um papel diminuto em relação a todas as potencialidades acumuladas nos decênios anteriores, e expressa desconfiança em relação ao setor privado.

[...] O trabalho da CORFO de hoje [...] se reduz ao outorgamento de créditos e garantias ao setor privado e só muito eventualmente considera-se a possibilidade da participação mista em novos investimentos, mas sem responsabilidade executiva. Seus dirigentes reconhecem que ‘O Supremo Governo não definiu claramente a ação subsidiária do Estado na área das atividades produtivas’ ou melhor’ que o Governo definiu um papel importante ao empresário privado e a

X Encontro de Pós-Graduação em História Econômica & 8ª Conferência Internacional de História Econômica

CORFO o apoiará para que concretize os projetos de investimentos que em outras épocas fazia a *Corporación* [...] Pessoalmente não compartilho desta filosofia atual, pois creio que o setor privado saiu em muito más condições da experiência da Unidade Popular, e não tem capacidade de investir [...] (MENSAJE, 1979a, p.244, tradução nossa).

Sáez critica a diminuição de seu poder no governo militar e as transformações operadas pelos *Chicago boys* na instituição. Esta crítica não é explícita. Expressão da concepção monetarista sobre a CORFO, foi a diminuição do poder da CORFO a partir de 1975, que pode ser evidenciada pelos números apresentados por Angell (2002) que sinalizam o total de empresas sob a direção da CORFO, diminuiu de 300 em 1973, para apenas 24 em 1980, e dentre as quais metade estava em processo de privatização

Rául Sáez tinha uma interpretação diferente da expressa pelos *Chicago boys* em relação ao papel do desenvolvimento industrial sob o ISI e o papel do Estado, e especificamente a contribuição da CORFO para isso, que se não fosse a empresa, o crescimento e a estrutura produtiva estariam em piores condições (Sáez, 1979b). deixa mais clara a importância da CORFO para o desenvolvimento histórico chileno, destacando a empresa de eletricidade ENDESA, com a qual tinha íntima relação: “[...] atendendo exclusivamente a considerações de plena ortodoxia, um grande número de pequenas cidades, aldeias, povoados e zonas rurais não teriam recebido este benefício pela baixa rentabilidade das áreas marginais (MENSAJE, 1979b, p.309-311, tradução nossa).

A análise da trajetória pessoal de Rául Sáez mostra como o meio acadêmico que se formou e sua atuação profissional nas empresas do Estado contribuíram para a construção de um determinado saber técnico e juntamente um modo de pensar a realidade econômica social do país. Sáez havia frequentado a Universidade do Chile, dotada de formação pluralista e com preocupações com os grandes problemas nacionais e sociais. Além disso, a CORFO foi criada a partir de um determinado contexto econômico e político, quando liberalismo estava em crise, e assim, a CORFO e suas empresas eram vistas como instrumento de transformações econômicas sociais, o que é muito presente em seu pensamento e na sua atuação. Assim, Rául Sáez absorveu essas características e quando da sua atuação do governo, se posicionou através de uma perspectiva mais gradualista e heterodoxa das transformações radicais que os *Chicago boys* queriam efetuar no Chile. Em suma, a importância e a representação da figura da Sáez e seus vínculos institucionais, juntamente com o poder que conseguiu na primeira fase,

X Encontro de Pós-Graduação em História Econômica & 8ª Conferência Internacional de História Econômica

tornando-se uma alternativa aos *Chicago boys*, colocava-o como um tecnocrata alheio às principais tendências ideológicas e tecnocratas que cresceram no governo.

Neste momento, continuando na análise de como as trajetórias pessoais, institucionais e profissionais condicionaram as posições dos tecnocratas sobre as políticas econômicas, concentramo-nos em alguns aspectos das trajetórias pessoais e profissionais primeiramente de Fernando Léniz, uma posição intermediária no interior do governo, mas se aproximou da influência dos *Chicago boys*. Por último nos concentramos no estudo dos economistas formados em Chicago, representados por Sérgio de Castro, e como isso contribuiu para a formação de uma determinada percepção da realidade econômica e social do Chile, assim como aplicar políticas econômicas monetaristas.

Embora quando da ocasião da aprovação do *Programa de Recuperación Económica* em 1975 que contribuiu para o afastamento de Sáez do governo, o Ministério da Fazenda fosse ocupado por Jorge Cauas, com o apoio dos *Chicago boys*, faz mais sentido analisar as trajetórias de Sérgio de Castro, e na medida do possível realizar observações sobre o grupo. Podemos justificar isso por três aspectos. Em primeiro lugar, é que, apesar de que idealmente fosse necessário, realizar a análise de Jorge Cauas e Sérgio de Castro, houve dificuldade para o acesso a informações em relação a trajetória pessoal e profissional daquele economista. Em segundo lugar, Jorge Cauas era muito ligado aos *Chicago boys*, e em alguns casos é caracterizado até mesmo como parte do grupo, mesmo que se tenha formado na Universidade de Columbia (SILVA, 1991). Por último, a principal força que dominou o Estado e produziu as políticas econômicas radicais após 1975 foram os *Chicago boys*. Essa força foi representada pela ascensão de Sérgio de Castro ao Ministério da Fazenda em 1976.

Em relação a Fernando Léniz, apesar de muitas coincidências com a trajetória de Raúl Sáez, além de ter sido indicado para o governo por ele, entendemos que Léniz paulatinamente se inclinou para a zona de influência dos *Chicago boys*. Fernando Léniz Cerda nasceu em Concepción no dia 30 de julho de 1927 e faleceu em 23 de setembro de 2013. Estudou nos colégios *Alemán* de Valdivia e no *Instituto Nacional*. Em 1947 iniciou o curso de Engenharia Comercial na Universidade do Chile, com grande distinção como melhor aluno da sala e também atuou como empresário. Entre 1963 e 1966 foi presidente da *Corporación Chilena de la Madera* (CORMA) (LA SEGUNDA ONLINE, 2013). Neste cargo elaborou um *Plan de Desarrollo Florestal*, que foi entregue ao Presidente Eduardo Frei, colocando em evidência a necessidade de regulação do setor (EL LEGADO, 2013). Também passou por empresas do grupo CMPC e a estatal Endesa (que

X Encontro de Pós-Graduação em História Econômica & 8ª Conferência Internacional de História Econômica

Rául Sáez também dirigiu). No triênio seguinte foi gerente geral do jornal *El Mercurio* e seu presidente entre 1970 e 1973, sendo-o também do diário *La Segunda*. Foi Ministro da Economia entre 11 de outubro de 1973 até 14 de abril de 1975 (LA SEGUNDA ONLINE, 2013).

Muñoz (1999) argumenta que quando da troca de Léniz por Sérgio de Castro no Ministério da Economia no contexto de 1975, Pinochet substituiu um “ministro moderadamente reformista” por outro mais radical (e em correspondência com as propostas de Friedman em sua visita em 1975, como já discutimos. De outro lado Camargo (2016) entende que apesar de não ser um *Chicago Boy*, Fernando Léniz nunca se opôs a influência do grupo de economistas. As evidências levantadas neste trabalho corroboram essa última visão. Embora se concorde com a influência de Friedman no país e a ligação entre este e Sérgio de Castro, sendo o último um “monetarista convicto” (ANGELL, 2002), entende-se que não é contraditório uma posição reformista ou intermediária ser influenciada em algum momento da vida por uma posição mais radical que a sua, e neste sentido confluímos para a interpretação de Camargo (2016).

Há várias coincidências com a argumentação realizada quando do caso de Rául Sáez, por ter se formado na Universidade do Chile e ter uma carreira em empresas estatais. Além disso, a descrição de uma característica pragmática e conciliadora realizada por Muñoz (1999) parece se confirmar segundos relatos de quem trabalhou ou conviveu com ele (EL LEGADO, 2013). Porém, a interpretação para Fernando Léniz é oposta à de Rául Sáez. Argumenta-se que apesar de Fernando Léniz ter tido uma trajetória profissional no governo semelhante a de Rául Sáez, há outros elementos biográficos que divergem. Léniz teve uma passagem anteriormente ao golpe justamente no *El Mercurio*, jornal apoiador do regime militar, tendo trabalhado com Roberto Kelly – articulador entre os *Chicago boys* na elaboração do *El Ladrillo*, e sua entrega para Marinha. Não se quer concluir, realizando juízo de valor, que Léniz também participou de algum tipo de articulação do jornal para a elaboração do *El Ladrillo*. Apenas que existia sob sua trajetória, um ambiente institucional importante que se inclinava para as ideias dos *Chicago boys*.

Por último, em relação à trajetória pessoal e profissional dos *Chicago boys*. Como seria inviável a análise de todos os economistas do grupo, tomamos o exemplo de Sérgio de Castro, que era o principal líder do grupo e assumiu o cargo mais poderoso da estrutura burocrática chilena, o Ministério da Fazenda. Embora difícil, a bibliografia secundária tece algumas considerações gerais do grupo.

X Encontro de Pós-Graduação em História Econômica & 8ª Conferência Internacional de História Econômica

Sergio de Castro Spikula nasceu em 1930, filho de uma família de imigrantes europeus (neto de avós espanhóis, iugoslavo e italiana). Seu pai foi comerciante e empresário. De castro viveu na Bolívia durante sua infância. Sua educação pré-universitária foi realizada a partir de 1946 em um colégio “moderno”, ou seja, não tradicional, e sim internacional, com vocação anglo-saxônica, e em Vancouver, que tinha um estilo rigoroso de estudos em consonância com o modelo educacional dos países desenvolvidos (FERMANDOIS, 2007).

Com a morte do pai, retornou ao Chile, onde se matriculou primeiramente no curso de economia da Universidade de Chile, e logo abandonou, para ingressar no mesmo curso na Universidade Católica em 1952. Conforme Fernandois (2007) o período na Universidade de Chile, despertou um espírito crítico em relação aos princípios do “desenvolvimento para dentro” da CEPAL, predominante na universidade até então, a qual era severamente criticada por Sérgio de Castro pela falta de “rigor teórico”. Quando iniciou seu curso na PUC, inclusive se tornou interlocutor das inquietudes dos estudantes para modernizar o ensino de economia, deixando de lado seu caráter de escola de negócios. Posteriormente, através do convênio entre PUC e Universidade de Chicago, doutorou-se em Economia na última universidade em 1957. Quando retornou de Chicago, foi professor na PUC e posteriormente se tornou decano da Escola de Economia entre 1965 e 1968. Após a Reforma Universitária realizada em 1968, saiu da PUC e juntou-se a outros economistas no *Centro de Estudios Socioeconómicos* (CESEC), sendo responsável entre 1972 e 1973 pela redação de *El Ladrillo*, ideário econômico que estabeleceu as linhas teóricas que serviriam de base para a política econômica do governo que sucedesse Salvador Allende (CASTRO, 1992). Já no governo militar foi assessor do Ministro da Economia Fernando Léniz (de 1973 a 1974), Ministro da Economia entre 1974 e 1976 e, entre 1976-1982, Ministro da Fazenda.

Uma interessante reflexão a respeito da origem social dos aspectos educacionais de Sérgio de Castro importa-nos muito para os propósitos do presente trabalho. Citando os principais trechos da análise:

Claramente sua origem social não pertence à chamada classe alta tradicional chilena nem a nenhuma oligarquia, no sentido corrente do termo. Não deve se duvidar de que sua origem fez com que fosse uma pessoa que por meio das oportunidades pôde ascender a uma classe dirigente. [...] Tinha as oportunidades, mas não estava atado a convencionalismos e prejuízos do resto da classe dirigente chilena [...] Talvez isto explique também algo das características que o acompanharam em sua vida pública: uma descontração e traços de arrogância não só ante o conformismo e a rotina, mas também uma

X Encontro de Pós-Graduação em História Econômica & 8ª Conferência Internacional de História Econômica

atitude de desapego para toda tradição que não fosse a teoria econômica praticada na Universidade de Chicago e as lealdades de grupo (sua família, o que destaca muito claramente; sua geração de colegas de estudos) [...] Retrata um estilo que o caracterizaria depois como homem público e seu desempenho como ministro; talvez seria a origem de alguns problemas não só que ele teve, mas também da política econômica que implementou (FERMANDOIS, 2007, p. 285-288, tradução nossa).

Em relação a algumas considerações sobre a trajetória de Sérgio de Castro, cabe destacar alguns aspectos importantes: origem social, formação acadêmica e a não existência de uma carreira prévia no Estado. Sua origem social de classe média, como nos sugeriu Fermanois (2007), pode ter condicionado a sua propensão a aplicação de uma política econômica radical, pois atuava de maneira livre e sem amarras tradicionais, orientando suas ações pelos pensamentos teóricos monetaristas. Mais do que uma característica somente de Sérgio de Castro, de acordo com o trabalho de Rojas (2004), que traça o perfil dos economistas chilenos de 1958 a 2013, o que inclui os *Chicago boys*, menos apenas 15% dos economistas que frequentaram o Estado neste período, pertenciam a famílias tradicionais chilenas, o que caracteriza uma nova elite política, que se iniciou com os *Chicago boys*. Orientado pelos princípios monetaristas, podia propor, em um ambiente autoritário, uma transformação radical que aproximasse a realidade da teoria econômica formulada na *Universidade de Chicago*. Além disso, Sérgio de Castro não tinha uma trajetória institucional dentro do Estado antes do golpe militar de 1973, como o tinha Raúl Sáez. Sáez, formado em engenharia, aperfeiçoou seu pensamento em relação a economia a partir de sua atuação prática nas empresas da CORFO, se tornando assim mais pragmático. Ao contrário, Sérgio de Castro não teve contato com uma instituição estatal anteriormente. O principal ambiente institucional de Sérgio de Castro antes do golpe foi a Universidade de Chicago.

Conclusões

A principal conclusão mais geral do trabalho é que a equipe econômica responsável pela implementação das políticas econômicas no Chile durante a ditadura de Pinochet não era monolítica, tendo em seu seio intensos conflitos entre economistas e profissionais que dirigiam a economia. Em outras palavras, a aplicação rígida do monetarismo chileno não foram como foram, como sugere boa parte da bibliografia que enfoca apenas as políticas econômicas implementadas e seus resultados econômicos e sociais, elas se tornaram assim. A noção de processo é o mais importante. Dentre esses

X Encontro de Pós-Graduação em História Econômica & 8ª Conferência Internacional de História Econômica

condicionantes para isso, por exemplo, cita-se a atuação dos economistas nos cargos estatais, a relação e os conflitos entre militares e economistas, as próprias disputas por projetos alternativos de políticas econômicas e suas vinculações com estratégias políticas e institucionais interna, e ainda o meio social e a trajetória institucional pelos quais os economistas inseridos nos conflitos pertenciam.

A análise empreendida neste trabalho possui limites. Dado que o trabalho busca a análise da política econômica através dos conflitos entre economistas, e estes estavam inseridos em um quadro governativo ditatorial, a disponibilidade de materiais como atas, uma fonte primária que seria muito importante para maior exploração, é limitada, pois muitos documentos estavam ainda protegidos. Contudo, fizemos o maior esforço em nosso alcance para suprir essas lacunas buscando a maior variedade de fontes, tais como documentos oficiais, memórias, entrevistas, matérias de jornais, depoimentos, etc... Se com este trabalho tentou-se contribuir para uma lacuna na literatura, o processo de pesquisa pôde evidenciar novas, o que pode ser sugerido para futuras pesquisas. A primeira delas é que não há estudos que focalizam as subdivisões internas sob o mantra que os acoberta. Em segundo lugar, outro trabalho que pode contribuir para suprimir uma lacuna na literatura é algum que estude como a CEPAL atuou frente a ascensão dos Chicago boys, isto é quais foram as avaliações das experiências, como a instituição absorveu a influência monetarista e quais estratégias foram usadas para a defesa intelectual dos princípios estruturalistas nos diversos meios sociais.

REFERÊNCIAS

- ALDUNATE, A. F. **Los economistas y el presidente Pinochet**. Santiago: Zig-Zag, 1988.
- ANGELL, A. Chile: 1958-c. 1990. *In*: BETHELL, Leslie (org). **Historia de América Latina: el cono sur desde 1930**. Barcelona: Crítica, 2002. v. 15, cap. 6, p. 255-213.
- BÜCHI, H. B. **La transformación económica de Chile: del estatismo a la libertad económica**. Santiago: Grupo Editorial Norma, 1993.
- CAMARGO, R. **The new critique of ideology: lessons from post-Pinochet Chile**. New York: Springer, 2016.
- CANO, W. Chile: o falso paradigma. *In*: CANO, W. **Soberania e política econômica na América Latina**. São Paulo: Editora Unesp, 2000b. p. 293-346.
- CASTRO, S. de. **El ladrillo: bases de la política económica del Gobierno Militar Chileno**. Santiago de Chile: Centro de Estudios Públicos, 1992.
- CASTRO, S. de. **Exposición sobre el Estado de la Hacienda Pública**. Santiago: Ministerio de Hacienda, 1981.
- CHATEAU, M.G. **La revolución capitalista de Chile: 1973-2003**. Santiago: Ediciones Universidad Alberto Hurtado, 2012.

X Encontro de Pós-Graduação em História Econômica & 8ª Conferência Internacional de História Econômica

- CAUAS, J. El Programa de Recuperación Económica del Gobierno: 24 abr. 1975. *In:* DIPRES. **Somos realmente independientes gracias al esfuerzo de todos los chilenos.** Santiago: Ministerio de Hacienda, 1978a.
- CAUAS, J. Exposición del Ministro da Hacienda, Sr Jorge Cauas: 29 jun. 1976. *In:* DIPRES. **Somos realmente independientes gracias al esfuerzo de todos los chilenos.** Santiago: Ministerio de Hacienda, 1978b.
- CAUAS, J. Exposición sobre el Estado de la Hacienda Pública: Presentada por el Ministro de Hacienda Sr. Jorge Cauas L. octubre de 1974. *In:* DIPRES. **Somos realmente independientes gracias al esfuerzo de todos los chilenos.** Santiago: Ministerio de Hacienda, 1978c.
- CAUAS, J. Exposición sobre el Estado de la Hacienda Pública: out. 1975. *In:* DIPRES. **Somos realmente independientes gracias al esfuerzo de todos los chilenos.** Santiago: Ministerio de Hacienda, 1978d.
- CHILE. **Junta de Gobierno:** Acta nº 398-A. Secretaria IFL/HBD, 14 out. 1980. Disponível em: http://www.josepinera.org/zrespaldo/acta398_1980_A.pdf. Acesso em: 28. ago. 2019.
- CYPHER, J. M. El caso del Estado chileno actual: Proyectos de acumulación, proyectos de legitimación. *In:* VIDAL; GUILLÉN (coord). **Repensar la teoría del desarrollo en un contexto de globalización:** Homenaje a Celso Furtado. Buenos Aires: CLACSO, 2007. p. 143-166.
- EL LEGADO de Fernando Léniz. **Revista Capital**, 4 oct. 2013. Disponível em: <https://www.capital.cl/el-legado-de-fernando-leniz/>. Acesso em : 21 jun. 2019.
- FERMANDOIS, J. Modernización, desarrollo, dictadura: el papel de Sergio de Castro. **Estudios Públicos**, v. 108, p. 281-313, 2007.
- FOXLEY, A. Towards a free market economy: Chile 1974-1979. **Journal of Development Economies**, v. 10, n. 1, p. 3-30, 1982.
- FOXLEY, Alejandro. **Latin American experiments in neoconservative economics.** Univ of California Press, 1983.
- FFRENCH-DAVIS, R. **Entre el neoliberalismo y el crecimiento con equidad:** tres décadas de política económica en Chile. 3 ed. aum. actual. Santiago: LOM Ediciones, 2003.
- FRIEDMAN, M. **Bases para un desarrollo económico.** Santiago: Fundación de Estudios Económicos, 1975.
- GOTUZZO, L. Exposición sobre el Estado de la Hacienda Pública: presentada por el Ministro de Hacienda, Contralmirante don Lorenzo Gotuzzo B.: Oailubre de 1973. *In:* DIPRES. **Somos realmente independientes gracias al esfuerzo de todos los chilenos.** Santiago: Ministerio de Hacienda, 1978a.
- HEREDIA, M. El proceso como bisagra: emergencia y consolidación del liberalismo tecnocrático. *In:* ANSALDI, Waldo.; PUCCIARELLI, Alfredo. **Empresarios, tecnócratas y militares:** la trama corporativa de la última dictadura. Buenos Aires: Siglo XXI, 2004. v. 197.
- HUNEEUS, C. Tecnócratas y políticos en un régimen autoritario: los " Odeplan Boys" y los " Gremialistas" en el Chile de Pinochet. **Revista de Ciencia Política**, v. 19, 1998. Disponível em: <https://repositorio.uc.cl/bitstream/handle/11534/10844/000179401.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 10 ago. 2019.
- LA SEGUNDA ONLINE. A los 86 años, falleció esta tarde el empresario Fernando Léniz. **La Segunda Online**, 25 set. 2013. Disponível em: <http://www.lasegunda.com/Noticias/Nacional/2013/09/881135/A-los-85-anos-fallecio-esta-tarde-el-empresario-Fernando-Leniz>. Acesso em: 21 jun. 2019.

**X Encontro de Pós-Graduação em História Econômica & 8ª Conferência
Internacional de História Econômica**

- LÉNIZ, F. Nos demoramos seis años para tener un desarrollo sostenido: la tercera, 12 nov. 1974. *In: DIPRES. Somos realmente independientes gracias al esfuerzo de todos los chilenos.* Santiago: Ministerio de Hacienda, 1978a.
- LÉNIZ, F. Sacrificios de Hoy Son el Bienestar de Mañana: la patria, 8 ago. 1974. *In: DIPRES. Somos realmente independientes gracias al esfuerzo de todos los chilenos.* Santiago: Ministerio de Hacienda, 1978b.
- LÉNIZ, F.; CASTRO, S. de. Entrevista al Ministro da Economia Fernando Léniz: la tercera, 14 jul. 1974. *In: DIPRES. Somos realmente independientes gracias al esfuerzo de todos los chilenos.* Santiago: Ministerio de Hacienda, 1978.
- LÉNIZ, F.; GOTUZZO, L. Exposición de los Ministros de Economía y Hacienda: 13 jun. 1974. *In: DIPRES. Somos realmente independientes gracias al esfuerzo de todos los chilenos.* Santiago: Ministerio de Hacienda, 1978. p. 65-86.
- LOUREIRO, M. A. **Os economistas no governo: gestão econômica e democracia.** Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1997.
- MARRAS, S. **Confesiones.** Santiago: Onitorrinco, 1988.
- MENDEZ, J. C. Facultades Especiales a Ministro de Hacienda: 13 abril 1975. *In: DIPRES. Somos realmente independientes gracias al esfuerzo de todos los chilenos.* Santiago: Ministerio de Hacienda, 1978.
- MENSAJE. 40 años de la CORFO. Entrevistado: Raúl Sáez. **Revista Mensaje**, Santiago, v. 28, n. 278, p. 241-245. 12 abr. 1979a. Disponível em: http://repositorio.uahurtado.cl/static/pages/docs/1979/n279_309.pdf. Acesso em: 2 jul. 2019
- MENSAJE. Evaluación de la CORFO. Entrevistado: Raúl Sáez. **Revista Mensaje**, Santiago, v. 28, n. 279, p. 309-311, jun. 1979b. Disponível em: http://repositorio.uahurtado.cl/static/pages/docs/1979/n279_309.pdf. Acesso em: 2 jul. 2019.
- MONTECINOS, V.; MARKOFF; ÁLVAREZ-RIVADULLA. Economists in Americas: convergence, divergence and connection. *In: MONTECINOS, V.; MARKOFF, J. (org.). Economists in the Americas.* Cheltenham/Northampton. Edward Elgar Publishing, 2009. p.1-62.
- MONTES, L. Milton Friedman y sus visitas a Chile. **Estudios Públicos**, n. 141, 2016.
- MUÑOZ, Heraldo. **The dictator's shadow: Life under Augusto Pinochet.** Basic Books, 2008.
- PÉREZ DE ARCE, H. **História de la Revolución Militar Chilena: 1973-1990.** Santiago: Editorial El Roble, 2018.
- PIÑERA, J. **Milton Friedman y sus recomendaciones a Chile.** 17 nov. 2006. Disponível em: <https://www.elcato.org/milton-friedman-y-sus-recomendaciones-chile>. Acesso em: 30 ago. 2019.
- POLLACK, M. The right in authoritarianism. *In: POLLACK, M. The New Right in Chile.* New York: St Martín Press, 1999. p.11-106.
- QUEIROZ, J; QUEIROZ, E. **Chile entre 2 terremotos: personajes prominentes de nuestros últimos 50 años.** Santiago: Ediciones El Libero, 2017.
- RAMOS, J. **Estabilización y liberalización económica en el Cono Sur.** Santiago: CEPAL, 1984.
- ROJAS, F. A. G. **Os economistas chilenos: o perfil social de uma elite política no período de 1958 a 2013.** 2014. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.
- SILVA, P. **In the name of reason: technocrats and politics in Chile.** Pennsylvania: Pennsylvania State University Press, 2009.

**X Encontro de Pós-Graduação em História Econômica & 8ª Conferência
Internacional de História Econômica**

VALDÉS, J. G. **Pinochet's Economists: the Chicago School of economics in Chile.** Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

VERGARA, Pilar. **Auge y caída del neoliberalismo en Chile:** Un estudio sobre la evolución ideológica del régimen militar. Santiago: Programa FLACSO, 1984.

ZARATE, V. V. O. de. Estatismo y neoliberalismo: un contrapunto militar Chile 1973-1979. **Historia (Santiago)**, Santiago, v. 34, p. 167-226, 2001.